

# Sobre a expressão lexical da duração e da localização temporal em português \*

Telmo Mória (Lisboa)

## Resumo

Este texto discute as diferenças e semelhanças – léxico-sintácticas e semânticas – entre os sistemas do Tempo Adjunto e do Tempo Argumental, no que respeita à expressão de valores de duração e de localização temporal. O objectivo é evidenciar a existência de algumas assimetrias entre eles, na relação entre formas e valores, cuja identificação é especialmente importante na perspectiva do processamento automático da língua. As análises formais aqui esquematizadas enquadram-se na Teoria da Representação do Discurso (DRT), tal como ela é apresentada em Kamp e Reyle (1993), com as adaptações ao português propostas em Mória (2000).

## 1. Introdução

Neste texto, é analisada a expressão de valores de duração e de localização temporal mediante dois subsistemas gramaticais distintos, que por facilidade designarei **Tempo Adjunto** e **Tempo Argumental**. No primeiro subsistema, mais estudado na literatura, os valores em causa são veiculados com recurso a expressões adjuntas, adverbiais – cf. (1)-(3) – ou adnominais – cf. (4)-(6) –, tipicamente encabeçadas por conectores temporais (preposicionais ou afins), como *durante*, *em* ou *desde*. Como se pode verificar, as frases (1)-(2) e (4)-(5) indicam duração e as frases (3) e (6) localização temporal.

Duração e localização temporal adjuntas – posição adverbial:

- (1) A proposta foi discutida pelos accionistas *durante dois meses*.
- (2) O problema foi resolvido pelos engenheiros *em menos de dois dias*.
- (3) Esta ponte foi construída pelos Romanos *no século II*.

Duração e localização temporal adjuntas – posição adnominal:

- (4) a discussão da proposta pelos accionistas *durante dois meses*

---

\* Este trabalho foi realizado no âmbito do projecto de investigação „O Tempo e o Modo em Português“ (PTDC/LIN/68463/2006), que pretende dar uma visão global da expressão de valores temporais em português, com uma descrição gramatical orientada para a formalização e o processamento automático da língua.

- (5) a resolução do problema pelos engenheiros *em menos de dois dias*  
 (6) a construção da ponte pelos Romanos *no século II*

No segundo subsistema, que é o foco da análise neste trabalho, a marcação dos referidos valores temporais é efectuada por meio de combinações predicado-argumentos, sem recurso a expressões adjuntas (isto é, sintacticamente opcionais). Seguem-se exemplos ilustrativos, com marcação de valores de duração através dos predicados *durar* e *levar*, em (7)-(8), e de valores de localização através do predicado *remontar*, em (9).

Duração e localização temporal argumentais:

- (7) A discussão da proposta pelos accionistas *durou dois meses*.  
 (8) A resolução do problema pelos engenheiros *levou menos de dois dias*. /  
 Os engenheiros *levaram menos de dois dias* a resolver o problema.  
 (9) A construção desta ponte pelos Romanos *remonta ao século II*.

Como referi no resumo acima, neste texto, irei concentrar-me na descrição de diferenças e semelhanças – léxico-sintácticas e semânticas – entre adjuntos e argumentos, no que respeita à expressão de valores de duração e de localização temporal. Observar-se-á a existência de algumas assimetrias entre eles, cuja identificação é especialmente importante na perspectiva do processamento automático da língua (que aqui esquematizarei, usando a linguagem da Teoria da Representação do Discurso, na versão de Kamp e Reyle 1993 adaptada ao português em Mória 2000).

## 2. Tempo adjunto – breve caracterização da duração e da localização temporal adjuntas

### 2.1 Duração adjunta

Começamos pelo sistema da **duração expressa por meio de adjuntos temporais**. Neste domínio, há dois aspectos a salientar. Primeiro, a conhecida interdependência entre conectores de duração e valores de *Aktionsart*. Como se sabe, em português – como em muitas outras línguas – existem conectores diferenciados para expressar a duração de situações com diferentes valores de telicidade: (i) *durante* – eventualmente elidido – e *há/havia* indicam a duração de situações atélicas – cf. (10)-(11); (ii) *em* indica a duração de situações télicas – cf. (12).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Note-se que: (i) em português brasileiro, o conector *por* parece estar em variação livre com *durante* na marcação da duração de situações atélicas (cf. Mória 2001);

(10) A Ana morou em Paris (*durante*) *seis meses*.

(11) A Ana mora em Paris *há seis meses*.

(12) A Ana escreveu um romance *em seis meses*.

O segundo aspecto a salientar é a existência de duas modalidades da duração de situações atélicas, que designarei **duração ancorada** e **duração não ancorada** (cf. Mória 2006).<sup>2</sup>

Na **duração ancorada** (de situações atélicas) – que tem como conector típico *há* (ou, por vezes, *havia*) –, expressa-se a quantidade de tempo que uma situação atinge num determinado ponto do eixo do tempo (um ponto de „ancoragem temporal“, normalmente coincidente com o ponto de perspectiva temporal definido pelo tempo verbal da frase). A situação descrita é vista como estando em curso nesse ponto, pelo que os tempos verbais tipicamente associados a esta forma de duração são (embora não exclusivamente) os que envolvem sobreposição ao ponto de perspectiva, isto é: presente, pretérito imperfeito e futuro imperfeito. Vejam-se os seguintes exemplos:

(13) A Ana *está* em Londres há dois anos.

(14) A Ana *estava* em Londres há dois anos (quando eu a conheci).

(15) A Ana *estará* em Londres há dois anos (quando eu a for visitar).

Formalmente, creio que esta forma de duração – relativamente mais complexa – pode ser tratada, no quadro da Teoria da Representação do Discurso, com recurso a dois referentes discursivos situacionais, que para o exemplo (13) seriam: (i) **ev** – a situação de a Ana estar em Londres, a qual se sobrepõe ao momento da enunciação (e, em princípio, se prolonga além dele); (ii) **ev'** – a situação (parte da anterior) de a Ana estar em Londres durante dois anos, que culmina nesse mesmo momento de enunciação. Vejam-se as condições formais relevantes (em que [end (ev')

---

(ii) os três conectores de duração (*durante*, *há/havia* e *em*) possuem homónimos associados à localização (ou à denotação de intervalos) – cf. e.g. (a) *a Ana teve um acidente durante as férias*; (b) *a Ana casou há seis meses (atrás)*; (c) *a Ana casou em 2005*.

<sup>2</sup> Certas línguas usam o mesmo conector para expressar a duração ancorada e a não ancorada (de situações atélicas) – e.g. o inglês (mediante a preposição *for*). Assim, quando há possibilidade de uso dos mesmos tempos verbais, originam-se situações de ambiguidade, bem conhecidas da literatura; por exemplo, uma frase como *Ana has lived in London for two months* pode corresponder ao conteúdo das frases portuguesas *a Ana vive em Londres há dois meses* (duração ancorada) e *a Ana viveu em Londres durante dois meses* (duração não ancorada).

= TPpt] se destaca como condição distintiva desta forma de duração, uma vez que expressa directamente a ancoragem da situação relevante ao ponto de perspectiva temporal):

- (16) [ev: a Ana estar em Londres ], [ev  $\circ$  TPpt], [TPpt := n],  
 [ev'  $\subseteq$  ev], [beg (ev') = beg (ev)], [end (ev') = TPpt],  
 [dur (ev') = mt], [dois anos (mt)]

Na **duração não ancorada** (de situações atélicas) – que tem como conector típico *durante*, eventualmente elidido –, expressa-se a quantidade de tempo total de uma situação, realizada no passado ou a realizar no futuro. Esta forma de duração está tipicamente associada a tempos verbais que expressam anterioridade (pretérito perfeito, pretérito-mais-que-perfeito, futuro perfeito) ou posterioridade (condicional presente, futuro imperfeito) a um ponto de perspectiva temporal, como se vê nos exemplos seguintes:

- (17) A Ana *esteve* em Londres (durante) dois anos.  
 (18) A Ana *tinha estado* em Londres (durante) dois anos.  
 (19) A Ana *estará* em Londres (durante) dois anos.

O tratamento formal desta forma de duração é mais simples, na medida em que pode estar envolvido um único referente discursivo situacional, na linha do que é proposto em Kamp e Reyle (1993). Vejam-se as condições relevantes para a frase (17):

- (20) [ev: a Ana estar em Londres ], [ev < TPpt], [TPpt := n],  
 [dur (ev) = mt], [dois anos (mt)]

## 2.2 Localização temporal adjunta

Passando agora à **localização temporal adjunta**, importa sublinhar a existência de três modos de localização temporal, dependentes essencialmente de dois factores linguísticos – valores de telicidade, mais uma vez, e tipo de conector temporal (cf. Mória 2000). Especificando melhor:

**A.** As situações télicas (ev) são tipicamente associadas à **localização inclusiva**, situando-se inteiramente (algures) dentro do intervalo de localização (t) identificado pela expressão adjunta. Condição formal: [ev  $\subseteq$  t].

- (21) A Ana escreveu um romance *em 1985*.

**B.** As situações atélicas podem estar associadas quer à localização de

simples sobreposição quer à localização durativa, consoante o conector temporal presente na estrutura.

**B1.** Com conectores como *em* ou *durante*, verifica-se uma condição de simples sobreposição, em que a situação atélica (ev) não tem necessariamente de cobrir todo o intervalo de localização da frase (t), podendo apenas preenchê-lo parcialmente – **localização de simples sobreposição**. Condição formal: [ev  $\circ$  t].

(22) A Ana esteve em Londres *em* 1985. [Mais precisamente, em Maio desse ano.]

(23) Choveu *durante o fim-de-semana*. [Foi na noite de sábado para domingo.]

**B2.** Com conectores como *desde*, *desde... até*, ou *de... a* verifica-se uma condição mais restritiva, em que a situação atélica (ev) tem de preencher todo o intervalo de localização (t) – **localização durativa**. Condições formais: [loc (ev) = t] (se se tratar de localização exacta) ou [t  $\subseteq$  ev] (se se tratar de localização inexacta).

(24) A Ana está em Londres *desde* 1985.

(25) A Ana esteve em Londres *desde* 1985 *até* 1999.

(26) A Ana esteve em Londres *de* 1985 *a* 1999.

Saliente-se aqui que, de acordo com as propostas de Mória (2000), que adapta Kamp e Reyle (1993), a introdução nas representações discursivas das condições formais que expressam a localização – [ev  $\subseteq$  t], [ev  $\circ$  t] ou [loc (ev) = t] / [t  $\subseteq$  ev] – é resultado directo do processamento das expressões adjuntas de localização temporal.

Por facilidade de referência posterior, e pela importância desta divisão na análise do Tempo Argumental, designarei os conectores que estão sistematicamente associados à localização durativa (como *desde* ou *de... a*) como **conectores durativos** e os que estão sistematicamente associados à localização de simples sobreposição ou inclusiva (como *em* ou *durante*) como **conectores não durativos**.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> O conector *até* tem um comportamento semelhante a *desde*, i.e. é basicamente durativo (cf. *a Ana morou em Londres até 1985*), com a particularidade de ser compatível com localizações não durativas (podendo gerar ambiguidade), em contextos com certos tempos verbais, como o futuro imperfeito (cf. *a Ana estará em Londres até ao final da semana* – cf. Mória 2000). O conector *enquanto* também parece comportar-se como conector durativo, em combinação com descrições de situações atélicas (cf. *a Ana morou em Londres enquanto esteve a estudar*); admite, porém, a localização inclusiva de situações atélicas (cf. *a Ana recebeu um telefonema*

Interessa ainda salientar que os conectores não durativos podem estar associados à leitura (mais restritiva) de localização durativa, se nos seus complementos ocorrerem quantificadores universais, como nos exemplos (27) e (28) (que contrastam com (22)-(23) acima). Falarei nestes casos em **sintagmas nominais durativos** (ou **complementos durativos**).

(27) A Ana esteve em Londres **todo** o ano de 1985.

(28) Choveu *durante* **todo** o fim-de-semana.

### 3. Tempo argumental – expressão da duração e da localização temporal argumentais

Feita esta descrição muito sumária da duração e da localização temporal expressas por meio de adjuntos, passemos à marcação desses mesmos valores mediante combinações predicado-argumentos. A primeira observação que importa fazer diz respeito a uma assimetria notável entre os sistemas do Tempo Argumental e do Tempo Adjunto (que é evidente nos quadros-síntese 1 e 2, em anexo no final deste texto): no subsistema do Tempo Argumental, a distinção gramatical mais notória parece ser a que separa duração e localização durativa conjuntamente, de um lado, e localização não durativa (inclusiva ou de simples sobreposição), de outro lado. Com efeito, os predicados que se especializam na marcação de valores de duração – como *durar*, *demorar* ou *levar* – são sintomaticamente sempre compatíveis com a expressão de localização, mas apenas durativa (ou afim<sup>4</sup>). Chamar-lhes-ei, por facilidade, **predicados durativos**. Os restantes predicados marcam apenas localização: esta será ou não durativa ou eventualmente durativa, se houver elementos exteriores (e.g. complementos durativos) que induzam essa leitura. Chamarei a estes predicados – de que são exemplo *datar* ou *ocorrer* – **predicados não durativos**. Começemos por eles.

---

*enquanto esteve a estudar*).

<sup>4</sup> Pelo menos alguns destes predicados podem ainda expressar **localização inclusiva exacta**, um modo que se aproxima da localização durativa, por também envolver uma sobreposição total entre o intervalo de localização e a situação relevante. Exemplos: *a Ana levou o fim-de-semana inteiro para resolver o problema*; *a Ana demorou todo o Verão de 1990 para escrever este romance*. Não explorarei aqui este caso particular.

### 3.1 Predicados não durativos (de localização temporal)

Como acabei de referir, os predicados não durativos especializam-se na marcação de valores de localização, não expressando valores de duração. Podem distinguir-se dois grupos destes predicados, em função da forma dos complementos locativos.

No Grupo 1, incluem-se **predicados aplicáveis directamente a expressões denotadoras de intervalos**, do tipo de *datar (de)* ou *remontar (a)*, que parecem marcar essencialmente localização inclusiva. Veja-se:

- (29) A construção da ponte data de *meados do século XV*.  
[\*A construção da ponte data de **em** *meados do século XV*.]
- (30) A construção da ponte remonta a *meados do século XV*.  
[\*A construção da ponte remonta a **em** *meados do século XV*.]

Como se pode verificar, com estes predicados, os complementos locativos ocorrem sob a forma de expressões denotadoras de intervalos, não sendo precedidos de conectores temporais como *em* ou *durante* (donde as agramaticalidades acima assinaladas). Condições formais associadas: [PREDICADO (ev, t)], implicando (como parte intrínseca do significado lexical do verbo) a condição de localização [ev  $\subseteq$  t].

No Grupo 2, incluem-se **predicados aplicáveis a argumentos homónimos de adjuntos**, do tipo de *ocorrer*, *ter lugar*, *sucedem*, *situar-se*, *verificar-se*, *dar-se*, *passar-se*, *decorrer*. Com estes predicados, os complementos locativos ocorrem sob a forma de (homónimos de) adjuntos de localização, sendo tipicamente precedidos de conectores temporais. A razão de se incluir as estruturas relevantes na expressão do Tempo Argumental (e não Adjunto) prende-se com a assunção (discutível) de que as expressões locativas têm valor argumental, obrigatório (ao contrário do que acontece com as expressões estritamente adjuntas). Semânticamente, o comportamento é o seguinte: (i) com situações télicas, marcam localização inclusiva – cf. (31); (ii) com situações atélicas, marcam localização de simples sobreposição, com conectores não durativos – cf. (32) –, e localização durativa, com conectores durativos ou com complementos durativos – cf. (33)-(34). Em suma, os elementos deste grupo são predicados de localização temporal neutros quanto à duratividade, ou ao modo de localização temporal, o qual parece ser inteiramente determinado (como acontece aliás com os adjuntos temporais) pela *Aktionsart* das situações localizadas, pelo tipo dos conectores temporais e pela eventual presença de quantificadores universais que induzam a leitura

durativa. Condições formais: [PREDICADO (ev, t)], implicando [ev  $\subseteq$  t], [ev  $\circ$  t] ou [loc (ev) = t] / [t  $\subseteq$  ev], consoante as circunstâncias acima referidas.<sup>5</sup>

- (31) A construção da ponte *ocorreu em meados do século XV*.
- (32) A permanência de tropas nesta região *verificou-se durante a década de 1980*.  
[Com efeito, chegaram em 1982 e só partiram em 1988.]
- (33) A permanência de tropas nesta região *verificou-se de 1980 até 1985*.
- (34) A permanência de tropas nesta região *verificou-se {durante / ao longo de} toda década de 1980*.

### 3.2 Predicados durativos (de duração e de localização temporal)

No que diz respeito aos predicados durativos – como *durar, ter a duração (de), demorar, levar, prolongar-se (por)* –, verifica-se a situação anteriormente descrita: eles servem tanto para marcar valores de duração estrita como valores de localização, mas sempre durativa (ou afim<sup>6</sup>). Formalmente, a diferença entre duração estrita e localização durativa reside na forma e valor semântico dos argumentos envolvidos.<sup>7</sup> Nas estruturas em que há **duração estrita**, um argumento representa a situação (ev) cuja duração é directamente asserida e outro a quantidade de tempo (mt) – independente do eixo temporal, por definição – que ela ocupa; condição formal: [PREDICADO (ev, mt)] – cf. (35). No caso da **localização durativa**, um argumento representa a situação a localizar (ev) e o outro o intervalo do eixo do tempo (t) que ele cobre inteiramente; condição formal: [PREDICADO (ev, t)] – cf. (36). Tipicamente, a localização durativa permite inferir um valor de duração estrita, pelo que os dois valores estão intimamente associados.

- (35) A visita do ministro ao Porto *durou três horas*.

<sup>5</sup> Note-se que se assume aqui que os complementos destes predicados denotam intervalos de tempo, apesar de serem introduzidos por conectores homónimos de localizadores temporais. Em termos de processamento, conectores como *em* ou *durante* funcionam nestas estruturas apenas como pistas para deduzir a condição de localização temporal relevante, que o predicado só por si não permite identificar.

<sup>6</sup> Cf. nota 4.

<sup>7</sup> Cf. Kamp e Reyle (1993) e Mória (2000), para uma diferença paralela no sistema do Tempo Adjunto.

(36) A visita do ministro ao Porto *durou toda a tarde de domingo*.

Convém considerar separadamente o uso dos predicados durativos na marcação da duração não ancorada, da duração ancorada e da localização durativa, dadas algumas particularidades formais interessantes. Segue-se, pois, uma análise em três subsecções distintas.

### 3.2.1 Predicados durativos expressando duração não ancorada

Quando expressam duração não ancorada, como em (37)-(38), os predicados durativos combinam-se com predicados de quantidades de tempo (independentes, por definição, de uma localização no eixo temporal) e referem directamente a duração das situações envolvidas.<sup>8</sup> Condições formais: [PREDICADO (ev, mt)], implicando [dur (ev) = mt].

(37) A discussão da proposta *durou dois meses*.

(38) A construção da ponte *levou dois meses*. /  
A ponte *demorou / levou dois meses a construir*.

Interessa salientar que, neste caso, os complementos assumem obrigatoriamente a forma de predicados de quantidades de tempo, não sendo precedidos de conectores de duração, como *durante* ou *em*. Vejam-se as seguintes agramaticalidades:

(39) \*A discussão da proposta *durou **durante** dois meses*.

(40) \*A construção da ponte *levou **em** dois meses*. /  
\*A ponte *demorou / levou **em** dois meses a construir*.

No entanto, parece haver alguma variação interlinguística, curiosa,

---

<sup>8</sup> Parece haver alguma tendência para usar predicados distintos em função do valor de (a)telicidade das situações envolvidas, com *durar* ou *prolongar-se* associados à duração de situações atélicas e *demorar* ou *levar* associados à duração de situações télicas. Ou seja, a duração argumental e a duração adjunta parecem comportar-se de modo semelhante, no sentido em que as expressões relevantes de ambos os subsistemas variam em função de valores de (a)telicidade. No entanto, no Tempo Argumental as diferenças não são tão evidentes. Com efeito, nem sempre se verificam as associações entre predicados e valores de (a)telicidade acima referidas, sendo de registar casos em que e.g. *levar* expressa a duração de situações atélicas – cf. (50) adiante – ou *durar* expressa a duração de situações télicas (assumindo que não há comutações aspectuais envolvidas) – cf. „Durante a leitura do acórdão, que **durou** mais de duas horas, o juiz (...) considerou que (...)“ (*Corpus* Natura-Público, par 16827); „A leitura de cada conto **dura** o tempo de uma curta viagem de autocarro (...)“ (*Corpus* Natura-Público, par 30339). A questão é complexa e remeto-a para trabalhos posteriores.

quanto à (possibilidade de) presença de conectores neste tipo de construção. Os dados de (41)-(42) mostram que um verbo inglês como *to last* é compatível quer com um predicado de quantidades de tempo simples quer com um predicado de quantidades de tempo precedido da preposição *for* (que parece ter um carácter expletivo neste contexto):

- (41) ASR 470 Since Batavia was over 160 kilometres from Krakatoa, it escaped fairly lightly; in some places, nearer the volcano, total unrelieved darkness **lasted nearly two days**. (*British National Corpus*)
- (42) ANK 536 Blaney's success in the States **lasted for some years** and then, in 1910, the affluent company decided to tour Great Britain. (*British National Corpus*)

Possivelmente, esta característica está na origem do desvio (por adição da preposição *durante*), registada na tradução do inglês em (43). O *corpus* CETEMPúblico (com cerca de 190 milhões de palavras) regista ainda duas ou três ocorrências desta construção marginal (com *durar* e *durante* adjacentes) – cf. (44).

- (43) É necessário um valor de entropia grande como este para que o universo **dure durante muito tempo** e permita o desenvolvimento de vida. (*As Origens da Existência*, Fred Adams, trad. do inglês, Publicações Europa-América, 2003, p. 23)
- (44) O efeito do LSD começa 30 a 60 minutos depois da ingestão e costuma **durar durante cerca de 10 horas**. (Corpus CETEMPúblico, ext1117264-clt-soc-93a-2)

### 3.2.2 Predicados durativos expressando duração ancorada

Quando expressam duração ancorada, os predicados durativos apresentam uma particularidade interessante: os seus complementos possuem forma idêntica à dos adjuntos. Com efeito, expressões com *há* podem funcionar quer como expressões não argumentais (adjuntas) – cf. (45) – quer como expressões argumentais (complementos) – cf. (46).

- (45) A proposta está a ser discutida pelos accionistas *há dois meses*.
- (46) A discussão da proposta pelos accionistas **dura** *há dois meses*.

Este facto coloca algumas questões técnicas no processamento automático (em linguagens como a da DRT), que aqui não explorarei pormenorizadamente. O que importa sublinhar é que a condição de duração, que em exemplos do tipo de (45) parece ser directamente introduzida na representação discursiva pelo adjunto com *há*, é introduzida em exemplos do tipo de (46) pelo verbo *durar* (como parte intrínseca do

seu significado lexical). Assim, as expressões temporais com *haver* não têm exactamente o mesmo contributo semântico nos dois casos. Hipótese de condições formais, associáveis a construções do tipo de (46):  $SN_{Suj}(ev)$ ,  $[ev' \subseteq ev]$ ,  $[beg(ev') = beg(ev)]$ ,  $[end(ev') = TPpt]$  e  $[PREDICADO(ev', mt)]$ , implicando  $[dur(ev') = mt]$ .

O uso de predicados durativos na expressão da duração ancorada apresenta algumas particularidades sintáctico-semânticas que destacarei brevemente em seguida.

Em primeiro lugar, tal como acontece com a duração ancorada adjunta, a duração ancorada argumental está tipicamente associada a tempos verbais que envolvem sobreposição a um ponto de perspectiva, isto é: presente, pretérito imperfeito e futuro imperfeito (marcados no próprio verbo *durar* ou num verbo auxiliar):

(47) A discussão da proposta *dura* / *durava* há dois meses.

(48) \*A discussão da proposta *durou* há dois meses.

Em segundo lugar, a omissão do conector que marca a duração ancorada (*há*) é geralmente sentida como fonte de estranheza ou agramaticalidade, em português europeu (mas não em português brasileiro), como acontece no seguinte excerto do *Corpus Natura-Público*:

(49) \*/??A organização sublinha que a guerra civil que já *dura 15 anos* em Moçambique ameaçou seriamente a produção agrícola (...). (*Corpus Natura-Público*, par 8706).

Em terceiro lugar, verifica-se que, com tempos verbais de sobreposição, o predicado *levar* (que expressa tipicamente duração de situações télicas) pode expressar duração ancorada, sem presença do conector *há* (ou seja, nestes contextos, *levar* tem o mesmo valor que *durar há*). Observe-se a equivalência entre as seguintes duas frases:

(50) O trabalho de preparação já *leva* / *levava dois meses*.

(51) O trabalho de preparação já *dura* / *durava há dois meses*.

Em quarto lugar, verifica-se que alguns predicados, como *fazer*, ocorrem associados à duração adjunta, mas não à duração argumental (contraste-se (52)-(53) com (45)-(46) acima). Tal situação relaciona-se, possivelmente, com a gramaticalização de *há* como conector temporal, processo que parece não se ter estendido a formas comparáveis do verbo *fazer* (como *faz*).

(52) A proposta está a ser discutida pelos accionistas *faz* (*agora*) *dois meses*.

(53) \*A discussão da proposta pelos accionistas *dura faz* (*agora*) *dois meses*.

### 3.2.3 Predicados durativos expressando localização temporal

Por último, consideremos as estruturas em que os predicados durativos expressam localização, isto é, quando se combinam com expressões que denotam intervalos e não quantidades de tempo. O aspecto a salientar, como já foi referido, é que quando expressam localização, estes predicados só admitem o modo mais restrito da localização durativa (ou afim), razão pela qual são classificados aqui como predicados durativos. Condições formais: [PREDICADO (ev, t)], implicando [loc (ev) = t] ou [t  $\subseteq$  ev] (consoante se trate de localização exacta ou inexacta, respectivamente). Este facto correlaciona-se com a seguinte restrição sintáctica: os predicados em causa só se combinam com plena gramaticalidade com sintagmas nominais durativos ou com sintagmas encabeçados por conectores durativos. Consideremos cada caso separadamente.

A combinação com **sintagmas nominais durativos** (expressões denotadoras de intervalos não confundíveis com adjuntos), está exemplificada a seguir:

(54) A discussão da proposta pelos accionistas *durou todo o mês de Março*.

Note-se que: (i) a ausência do quantificador universal – que garante o carácter durativo da localização – é geralmente fonte de (alguma) estranheza – cf. (55); (ii) a presença de conectores não durativos, como *durante* ou *em* (que tornam os complementos destas expressões homónimos de adjuntos), parece ser rejeitada – cf. (56)-(57).

(55) ??A discussão da proposta pelos accionistas *durou o mês de Março*.

(56) \*A discussão da proposta pelos accionistas *durou durante o mês de Março*.

(57) ??A discussão da proposta pelos accionistas *durou durante todo o mês de Março*.

Curiosamente o *corpus* CETEMPúblico apresenta algumas (muito poucas) ocorrências desta construção (aparentemente sentida como) marginal:

(58) Atiçando a guerra de nervos que ***durou durante*** *a semana* sobre a questão da coabitação, o líder gaullista exigia a demissão de Mitterrand (...). (*Corpus* CETEMPúblico, ext184147-pol-93a-1)

(59) Em discussão estava um documento de cinco pontos: cessar-fogo a partir das 17h00 e que ***duraria durante*** *toda a conferência de Haia*; desbloqueio das

instalações militares da Dalmácia (...). (*Corpus* CETEMPúblico, ext645856-pol-91b-1)

A combinação com **sintagmas encabeçados por conectores durativos** – como *de... a, desde... até, desde, até, enquanto*<sup>9</sup> (mas não *durante* ou *em*) está ilustrada a seguir:

- (60) A discussão da proposta pelos accionistas dura *desde o meio-dia*.
- (61) A discussão da proposta pelos accionistas durou *de Janeiro a Maio*.
- (62) A discussão da proposta pelos accionistas durou *até à meia-noite*.
- (63) A discussão da proposta pelos accionistas durará *enquanto não se chegar a um consenso*.

Note-se que, neste caso, as expressões que complementam os predicados durativos são homónimas de adjuntos de localização; ou seja, verifica-se aqui, mais uma vez, uma situação em que complementos e adjuntos (i.e. argumentos e não argumentos) surgem com forma idêntica. Comparem-se os quatro exemplos acima, com os seguintes, que envolvem adjuntos de localização:

- (64) A proposta está a ser discutida pelos accionistas *desde o meio-dia*.
- (65) A proposta foi discutida pelos accionistas *de Janeiro a Maio*.
- (66) A proposta foi discutida pelos accionistas *até à meia-noite*.
- (67) A proposta estará em discussão *enquanto não se chegar a um consenso*.

A possibilidade de ter sintagmas encabeçados com conectores durativos directamente como complemento de verbos do tipo de *durar*, isto é, em posições tipicamente nominais, associadas à denotação de intervalos (cf. condição [DURAR (ev, t)], que estou a assumir ser inserida na representação discursiva) coloca algumas questões técnicas de processamento na DRT, já suscitadas aliás por outras construções em que complementos e adjuntos coincidem morfossintacticamente. Aparentemente, neste caso, os conectores em causa actuam essencialmente como elementos que permitem definir intervalos, não contribuindo com uma condição de localização temporal (durativa), que é induzida meramente pelo predicado verbal.

Note-se ainda que os dados de (60)-(63) – que contrastam com os de (56)-(57) – parecem fundamentar linguisticamente a divisão dos

---

<sup>9</sup> Os conectores *até* e *enquanto* são compatíveis com localização não durativas em contextos especiais – cf. n. 3.

conectores de localização temporal em dois grandes grupos: os conectores não durativos e os conectores durativos; os primeiros (e.g. *durante*) não são compatíveis com predicados durativos – como *durar* –, ao passo que os segundos (e.g. *desde, de... a, até, enquanto*) são.

#### 4. Conclusões

Como conclusão, destacarei apenas o facto de o presente trabalho ter revelado a existência de algumas assimetrias sintáctico-semânticas interessantes entre Tempo Adjunto e Tempo Argumental, sintetizadas nos quadros 1 e 2 em anexo.

De entre estas, destacam-se, desde logo, as assimetrias na marcação dos valores – semanticamente próximos – da **duração** e da **localização durativa**, que poderíamos subsumir na etiqueta abrangente de **duratividade**. Recorde-se que certos autores, como Kamp e Reyle (1993), mostram convincentemente que se trata de dois valores que importa diferenciar, já que estão associados a condições formais distintas. Esta mesma opinião foi defendida em Mória (2000), com dados linguísticos empíricos que fundamentam a pertinência da distinção em causa. O que se verifica nos dados do presente trabalho é que, em português, a proximidade entre duração e localização durativa é mais evidente no sistema do Tempo Argumental do que no do Tempo Adjunto, uma vez que estes sistemas de valores partilham os mesmos predicados (e.g. *durar*), ainda que não partilhem os mesmos conectores preposicionais. Noutras línguas, como o inglês, a proximidade é evidente em ambos os sistemas, uma vez que há partilha tanto de predicados (e.g. *to last*) como de conectores preposicionais (e.g. *for*), situação que leva aliás a que diversas gramáticas, como a de Huddleston e Pullum (2002), não distingam os dois sistemas de valores em causa.

Ainda no que respeita a assimetrias Tempo Adjunto / Tempo Argumental, ficaram patentes algumas distinções no processamento de conectores temporais (preposicionais ou outros, como *há*) em expressões adjuntas (não argumentais) e em complementos (argumentais). Nos casos em que há homonímia entre estas expressões (cf. colunas assinaladas com + no quadro 2 em anexo), o processamento dos conectores em causa varia ligeiramente. Trata-se de questões essencialmente técnicas, com maior relevância para o processamento computacional da língua, que terão de ser avaliadas na perspectiva da economia e elegância dos sistemas de tratamento automático. Em todo o caso, saliento aqui os

casos notáveis de assimetrias que foram notados neste texto:

1. Os complementos de predicados de localização temporal do tipo de *ocorrer*, *verificar-se* ou *situar-se* são homónimos de expressões adjuntas de localização temporal – cf. (31)-(34). Estes complementos introduzem nas representações discursivas apenas as condições relativas à definição de um intervalo (funcionando como simples expressões denotadoras de intervalos); as condições de localização relevantes – e.g.  $[ev \subseteq t]$ ,  $[t \subseteq ev]$  ou  $[ev \circ t]$  – não são inseridas aquando do processamento destas expressões, embora elas possam fornecer pistas para identificar qual a condição a deduzir de  $[PREDICADO (ev, t)]$ . Os seus homónimos adjuntos – de acordo com o tratamento de Mória (2000), que adapta Kamp e Reyle (1993) – introduzem eles próprios na representação as condições de localização relevantes, razão pela qual se classificam, com plena pertinência, como localizadores temporais.

2. Os complementos de predicados do tipo de *durar* (quando expressam localização) são homónimos de expressões adjuntas de localização temporal – cf. (60)-(63). Estes complementos introduzem nas representações discursivas apenas as condições relativas à definição de um intervalo (funcionando como simples expressões denotadoras de intervalos); a condição de localização relevante, durativa –  $[loc (ev) = t] / [t \subseteq ev]$  –, não é inserida aquando do processamento destas expressões, sendo directamente deduzida do significado do predicado temporal, isto é, de  $[PREDICADO (ev, t)]$ . Os seus homónimos adjuntos – mais uma vez de acordo com o tratamento de Mória (2000), que adapta Kamp e Reyle (1993) – introduzem eles próprios na representação a condição de localização relevante ( $[loc (ev) = t] / [t \subseteq ev]$ ), razão pela qual se classificam, com plena pertinência, como localizadores temporais.

3. Os complementos de predicados do tipo de *durar* (quando expressam duração ancorada) são homónimos de expressões adjuntas de duração – cf. *há dois meses*, em (46). Estes complementos introduzem directamente nas representações discursivas apenas as condições relativas à definição de uma quantidade de tempo (além de obrigarem à consideração de uma situação derivada  $ev'$ , a parte da situação descrita que vem até ao ponto de perspectiva temporal); a condição de duração relevante não é inserida aquando do processamento destas expressões, sendo deduzida do significado do predicado temporal, isto é, de  $[PREDICADO (ev', mt)]$ . Os seus homónimos adjuntos – de acordo com o tratamento aqui proposto

(cf. ainda Mória 2006) – introduzem eles próprios na representação uma condição de duração, razão pela qual se classificam, com plena pertinência, como expressões adjuntas de duração.

4. Em inglês (mas não em português padrão), os complementos de predicados do tipo de ingl. *to last* ‘durar’ (quando expressam duração não ancorada) podem ser homónimos de expressões adjuntas de duração – cf. *for some years*, em (42). Estes complementos preposicionados ingleses introduzem nas representações discursivas apenas as condições relativas à definição de uma quantidade de tempo (funcionando como simples predicados de quantidades de tempo); a condição de duração relevante ([dur (ev) = mt]) não é inserida aquando do processamento destas expressões, sendo directamente deduzida de [PREDICADO (ev, mt)]. Por outras palavras, a preposição *for* é expletiva nestes casos. Os seus homónimos adjuntos – de acordo com o tratamento de Kamp e Reyle (1993) – introduzem eles próprios na representação uma condição de duração ([dur (ev) = mt]), razão pela qual se classificam, com plena pertinência, como expressões adjuntas de duração.

Em suma, as assimetrias acima referidas colocam a seguinte questão geral de processamento: qual o contributo específico de cada elemento temporal – predicado e conector – para a computação do significado? A tarefa da formalização – aqui esquematizada para o português (sem a preocupação de apresentar de forma completa as regras de construção de representações discursivas) – será desenvolvida numa fase subsequente deste trabalho, em conjunto com alguns dados comparativos com outras línguas, que são de especial relevância neste caso.

## Referências bibliográficas

- Bach, Emmon (1981): „On Time, Tense and Aspect: an Essay on English Metaphysics“, em: Cole, P. (org.), *Radical Pragmatics*, New York: Academic Press, p. 62-81.
- Huddleston, Rodney/ Pullum, Geoffrey (2002): *The Cambridge Grammar of the English Language*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Kamp, Hans/ Reyle, Uwe (1993): *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht: Kluwer.
- Mittwoch, Anita (1988): „Aspects of English Aspect: on the Interaction of Perfect, Progressive and Durational Phrases“, *Linguistics and Philosophy* 11, p. 203-254.
- Moens, Marc (1987): *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Ph.D. thesis, University of Edinburgh [reprodução: Centre for Cognitive Science, University of Edinburgh].
- Móia, Telmo (2000): *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*, dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- Móia, Telmo (2001): „Sobre a Expressão da Duração em Português Europeu e Português Brasileiro: o Uso de Sintagmas com a Preposição *por*“, em: Soares, Maria Elias (org.), *Boletim da Associação Brasileira de Linguística, Número Especial, II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, Março de 2001, Anais - Vol. I*, Fortaleza: ABRALIN, p. 415-419.
- Móia, Telmo (2006): „Portuguese Expressions of Duration and their English Counterparts“, *Journal of Portuguese Linguistics* 5.1, p. 37-73.
- Nerbonne, John (1983): *German Temporal Semantics: Three-Dimensional Tense Logic and a GPSG Fragment*, Ph.D. thesis, The Ohio State University.
- Swart, Henriëtte de (1998): „Aspect Shift and Coercion“, *Natural Language and Linguistic Theory* 16, p. 347-385.

## ANEXOS

Quadro 1'. Duração adjunta

Domínio de significação	Duração		
	de situações télicas	de situações atélicas	
		não ancorada	ancorada
Condições associadas (DRT)	[dur (ev) = mt]		[dur (ev') = mt], [ev' ⊆ ev], [end (ev') = TPpt]
	≅ [LEVAR (ev, mt)]	≅ [DURAR (ev, mt)]	≅ [DURAR (ev', mt)]
Conectores típicos	<i>em</i>	<i>durante</i> , $\emptyset$ <i>durante</i> <i>por</i> [PB]	<i>há / havia</i>
Exemplos em posição adjunta adverbial	Os engenheiros reconstruíram a ponte <u>em cinco meses</u> .	As tropas estiveram no território <u>(durante) cinco meses</u> .	As tropas estão no território <u>há cinco meses</u> .
Exemplos em posição adjunta adnominal	a reconstrução da ponte <u>em cinco meses</u>	a permanência das tropas no território <u>(durante) cinco meses</u>	a permanência das tropas no território <u>há cinco meses</u>

Quadro 1''. Localização temporal adjunta

Domínio de significação	Localização			
	de situações atélicas		de situações télicas	
	durativa	de simples sobreposição	inclusiva (não exacta)	
Condições associadas (DRT)	[t ⊆ ev] (inexacta) / [loc (ev) = t] (exacta)	[ev ⊇ t]	[ev ⊆ t]	
Conectores típicos	<i>desde</i> , <i>desde... até..., de...a</i> , <i>até</i> DURATIVO, <i>enquanto</i> DURATIVO	<i>em, durante</i> (+ SN durativo)	<i>em, durante</i>	
Exemplos em posição adjunta adverbial	As tropas estão no território <u>desde Janeiro</u> . • As tropas estiveram no território <u>(desde Janeiro) até Junho</u> .	As tropas estiveram no território <u>durante todo o ano de 2008</u> .	As tropas estiveram no território { <u>em 2008 / durante o ano de 2008</u> }.	Os engenheiros reconstruíram a ponte { <u>em 2008 / durante o ano de 2008</u> }.
Exemplos em posição adjunta adnominal	a permanência das tropas no território { <u>desde Janeiro / (desde Janeiro) até Junho</u> }.	a permanência das tropas nos territórios <u>durante todo o ano de 2008</u>	a permanência das tropas nos territórios { <u>em 2008 / durante o ano de 2008</u> }	a reconstrução da ponte { <u>em 2008 / durante o ano de 2008</u> }

Quadro 2'. Duração argumental

Domínio de significação	Duração			
	de situações télicas	de situações atélicas		
		não ancorada	ancorada	
Condições associadas (DRT)	[PREDICADO (ev, mt)]		[PREDICADO (ev', mt)], [ev' ⊆ ev], [end (ev') = TPpt]	
Predicados típicos	LEVAR, DEMORAR, (?)DURAR	DURAR		LEVAR
Presença de conectores	—	—	+	—
	cf. *levar em, *demorar em, *durar em	cf. *durar durante, *durar por (vs. to last for)	há / havia	cf. *levar há
Exemplos	A reconstrução da ponte { <u>levou / demorou</u> } <u>cinco meses</u> . • (?)A reconstrução da ponte <u>durou cinco meses</u> .	A permanência das tropas no território <u>durou cinco meses</u> .	A permanência das tropas no território <u>dura há cinco meses</u> .	A discussão da proposta já <u>leva cinco meses</u> .

Quadro 2''. Localização temporal argumental

Domínio de significação	Localização					
	de situações atélicas				de situações télicas	
	durativa		de simples sobrepos.		inclusiva (não exacta)	
Condições associadas	[PREDICADO (ev, t)]					
Predicados típicos	DURAR / OCORRER,...	DURAR	OCORRER,...	OCORRER, SUCEDER, TER LUGAR, SITUAR-SE, VERIFICAR-SE, DAR-SE, PASSAR-SE		REMON-TAR (A), DATAR (DE)
		( + SN durativo)				
Presença de conectores	+	—	+	+		—
	desde, até, desde... até..., de... a, até DURATIVO, enquanto DURAT.	cf. *durar durante/em	em, durante	em, durante		cf. *remontar a em, *datar de durante
Exemplos	A permanência das tropas no território { <u>dura desde Janeiro / durou (desde Janeiro) até Junho / verificou-se (de Janeiro) até Junho</u> }.	A permanência das tropas no território <u>durou toda a década de 1980</u> .	A permanência de tropas no território <u>verificou-se durante toda década de 1980</u> .	A permanência das tropas no território <u>ocorreu em 2008</u> .	A reconstrução da ponte <u>ocorreu em 2008</u> .	A reconstrução da ponte { <u>data de 2008 / remonta a 2008</u> }.